

SOB O OLHAR DO OUTRO. DERRIDA E O DISCURSO DA ÉTICA ANIMAL

UNDER THE GAZE OF THE OTHER. DERRIDA AND THE DISCOURSE OF ANIMAL ETHICS

Rita Leal Paixão*

RESUMO

A chamada questão animal mereceu toda a atenção de Derrida, o qual colocou-a como uma questão decisiva para o tempo atual. O objetivo deste artigo é apresentar, a partir do pensamento de Derrida, a relevância de uma reconsideração das teorias dominantes sobre o problema da distinção humano-animal na filosofia, assim como a urgente necessidade de repensar a forma como os animais são tratados. Pretende-se mostrar como a abordagem de Derrida sobre a questão animal interroga a filosofia continental tradicional, especialmente a questão do antropocentrismo, e como se distingue da filosofia anglo-americana em defesa dos animais, isto é, do discurso dominante em ética animal.

PALAVRAS-CHAVE: Derrida; animalidade; ética animal; antropocentrismo; alteridade

ABSTRACT

The animal question deserved the full attention of Derrida, which placed it as a decisive issue for the current time. The purpose of this article is to present, from the thought of Derrida, the relevance of a reconsideration of prevailing theories about the problem of human-animal distinction in philosophy, as well as the urgent need to rethink the way animals are treated. It is intended to show how the approach of Derrida on the animal question interrogates the traditional continental philosophy, especially the issue of anthropocentrism, and how it differs from the Anglo-American philosophy in defense of animals, ie, the dominant discourse on animal ethics.

KEYWORDS: Derrida; animality; animal ethics; anthropocentrism; otherness

*Doutora em Ciências (ENSP/FIOCRUZ), Professora associada da Universidade Federal Fluminense. E-mail: rpaixao@vm.uff.br

1. Introdução

Frequentemente me pergunto, para ver, quem sou eu – e quem sou eu no momento em que, surpreendido nu, em silêncio, pelo olhar de um animal, por exemplo os olhos de um gato, tenho dificuldade, sim, dificuldade de vencer um incômodo.(DERRIDA, 2002a, p.15)

E a partir desse estar-aí-diante-de-mim, ele pode se deixar olhar, sem dúvida, mas também, a filosofia, talvez o esqueça, ela seria mesmo esse esquecimento calculado, ele pode, ele olhar-me. Ele tem seu ponto de vista sobre mim. O ponto de vista do outro absoluto, e nada me terá feito pensar tanto sobre essa alteridade absoluta do vizinho ou do próximo quanto os momentos em que eu me vejo visto nu sob o olhar de um gato. (DERRIDA, 2002, p.28)

Essas palavras foram proferidas pelo filósofo franco-argelino Jacques Derrida no verão de 1997 durante a abertura do terceiro colóquio de Cerisy e estão escritas no texto *L'animal que donc je suis* (O animal que logo sou, 2002), o qual junto com outros textos proferidos no mesmo colóquio por Derrida foram publicados em livro (Derrida, 2008). Nesse texto, de caráter poético, não por acaso, Derrida se dedica a questão animal. Questão essa que ele considerava como a mais importante e decisiva questão dos tempos atuais e, por diversas vezes, mesmo antes da publicação desse texto, destacou essa importância. De acordo com as palavras de Derrida:

Ninguém mais pode negar seriamente e por muito tempo que os homens fazem tudo o que podem para dissimular ou para se dissimular essa crueldade, para organizar em escala mundial o esquecimento ou o desconhecimento dessa violência que alguns poderiam comparar aos piores genocídios (DERRIDA, 2002, p.52).

Para Van Camp (2011), poucos perceberam o que pode ser chamado de uma "virada zoológica" nos últimos escritos de Derrida. Nesse sentido, trata-se de como Derrida buscou interpretar a história do assujeitamento dos animais, isto é, da violência cometida pelos humanos contra os animais, a qual, segundo ele, vem assumindo proporções sem precedentes nos dois últimos séculos:

No decurso dos dois últimos séculos, estas formas tradicionais de tratamento do animal foram subvertidas, é demasiado evidente, pelos desenvolvimentos conjuntos de saberes zoológicos, etológicos, biológicos e genéticos sempre

inseparáveis de técnicas de intervenção no seu objeto, de transformação de seu objeto mesmo, e do meio e do mundo de seu objeto, o vivente animal: pela criação e adestramento a uma escala demográfica sem nenhuma comparação com o passado, pela experimentação genética, pela industrialização do que se pode chamar a produção alimentar da carne animal, pela inseminação artificial maciça, pelas manipulações cada vez mais audaciosas do genoma, pela redução do animal não apenas à produção e a reprodução superestimulada (hormônios, cruzamentos genéticos, clonagem etc.) de carne alimentícia mas a todas as outras finalidades a serviço de um certo estar e suposto bem-estar humano do homem.(DERRIDA, 2002,p.51)

Além de evidenciar o diagnóstico dessa mudança histórica na forma de tratar os animais, Derrida também indica que *"essa violência industrial, científica, técnica não será suportável por muito tempo, de fato ou de direito"* (DERRIDA, 2004, p.82-83).

No entanto, se Derrida considera a questão da animalidade como uma questão decisiva na atualidade, não é somente pelo problema que representa para os animais, mas porque ele a considera uma questão que tem valor estratégico, isto é, ela perpassa várias outras questões ligadas a busca do que é *"o próprio do homem"*, tal como *"a essência e o futuro da humanidade, a ética, a política, o direito, os direitos do homem, o crime contra a humanidade, genocídio, etc"*. (DERRIDA, 2004, p.81). Para abalar as teorias de animalidade e humanidade que dominam o pensamento ocidental durante séculos, Derrida traz à tona o relato sobre o incômodo do encontro dele próprio com sua gata (citado aqui na epígrafe). Para Derrida é necessário que se reconsidere o modo como tratamos os animais e é necessário que se reconsiderem as teorias sobre animalidade, isto é, duas questões relevantes emergem: uma sobre a interação humano- animal (relação com o indivíduo animal) e outra sobre quem "sou eu", uma questão *"autobiográfica"* (DERRIDA, 2002). Ao tomar como ponto de partida de seu discurso o olhar, o olhar de um animal, e especialmente, o perceber-se olhado por um animal, Derrida nos propõe um arranjo das abordagens sobre animalidade, dividindo-as em dois grandes grupos: o primeiro grupo compreende *"os textos assinados por pessoas que sem dúvida viram, observaram, analisaram, refletiram o animal mas nunca se viram vistas pelo animal"* (DERRIDA, 2002, p.32), enquanto o outro grupo

são antes de mais nada poetas ou profetas, em situação de poesia ou de profecia, do lado daqueles e daquelas que confessam tomar para si a destinação que o animal lhes endereça, antes mesmo de terem o tempo e a possibilidade de se esquivar nus ou em roupão (DERRIDA, 2002, p.34).

É, portanto, ao primeiro grupo que Derrida dirige suas críticas. O que se pretende aqui é apresentar como Derrida formula o problema do pensamento tradicional que estabeleceu a fronteira humano-animal, e mostrar como, apesar dele simpatizar com os movimentos de defesa dos animais, ele discorda do discurso dominante atual da chamada ética animal.

2. O olhar e ser olhado ou a linha divisória humano-animal

A fenomenologia do olhar, “o ser visto pelo outro”, já tinha sido abordada antes de Derrida ser olhado pelo seu gato. Para Berger (2003) é devolvendo o olhar ao animal que olha, que o homem tem a consciência de si mesmo. No entanto, de acordo com ele (BERGER, 2003, p.18) *"Nos dois últimos séculos, os animais desapareceram gradualmente. Hoje vivemos sem eles."* E isso seria uma das consequências da ruptura de Descartes que produziu seus efeitos a partir do capitalismo industrial, o qual fez desaparecer a autêntica relação humano-animal substituindo-a por intenso domínio. Para Sartre, eu sou capaz de experimentar eu mesmo tornado objeto quando devorado pelo olhar do outro, eu experimento minha própria subjetividade e liberdade se esvaírem na presença do outro. Minha apreensão do outro como homem e não como objeto parte da possibilidade de ser visto pelo outro. A relação com o outro é experimentada pelo olhar: *“o outro é, por princípio, aquele que me olha”* (SARTRE, 1997, p.315). No entanto, Sartre não deu ao olhar animal um estatuto comparável ao olhar do outro humano. Como interpreta David Wood (2010), a razão para essa exclusão é mais estranha do que parece porque não há melhor modelo de “olhar que torna objeto” do que o predador que encara a sua presa. Para Levinas (2000) também a experiência do outro é incompleta sem a experiência de ser olhado pelo outro. Mas quem é esse outro? O outro, absolutamente outro da ética levinasiana é “o outro homem” ou “o outro como humano”. O animal para Levinas, não tem um rosto, não me olha de modo que eu me sinta obrigado a responder, e portanto,

mesmo Levinas tendo subvertido inovadoramente a concepção tradicional e ontológica do sujeito,

acaba por reproduzir ainda o discurso canônico hegemônico da ocidentalidade filosófico-cultural, grego-judaico-islâmico-cristão sobre o animal, um discurso que vai da Bíblia, de Sócrates e de Aristóteles até ele, Levinas, passando também por Descartes, Kant, Hegel, Heidegger e Lacan (BERNARDO, 2007, p.250).

E Derrida se inquieta por essa visão de Levinas:

Mas quando ele lembra que 'a melhor maneira de encontrar o outro, é nem mesmo notar a cor dos seus olhos ...', ele fala então do homem, do próximo enquanto homem, do semelhante e do irmão, ele pensa no outro homem, e isso constituirá para nós, o lugar de uma grave inquietação (DERRIDA, 2002, p.30).

E será também uma inquietação, um incômodo, o encontro de Derrida com o olhar de seu gato, isto é, sua gata. Nesse caso, o que é observado, não é mais um mero objeto da visão, mas um sujeito da visão, a origem do olhar, para o qual os humanos são objetos. O encontro de Derrida com sua gata desafia a fantasia de um conhecimento objetivo daquilo que nós chamamos natureza. E Derrida está nu, “nu como um animal”, porque ser olhado é ter um corpo, é retornar a sua animalidade. A animalidade da qual o homem sempre buscou se distinguir. A experiência de se sentir olhado faz com que o gato se torne o sujeito e possibilita a Derrida sentir “o limite abissal do humano”. Ao ser olhado por sua gata Derrida desconstrói a mais potente das distinções usadas para estabelecer a linha divisória entre humanos e animais: a linguagem.

Para Descartes, do qual herdamos a visão do animal – máquina só os humanos detém uma linguagem. O outro, o outro animal, o gato, a gata direciona seu olhar para Derrida, um olhar que não pode ser confundido com uma mera reação cartesiana, é um direcionamento que invoca uma obrigação, uma responsabilidade. Assim, duas distintas situações se configuram para os humanos em relação aos animais: uma que reduz os animais a coisas, coisas que não vêem, objetos vistos pelo humanos, e outra que percebe o olhar do animal, percebe-se a si mesmo enquanto olhado pelo animal. A primeira reflete o pensamento tradicional, sem dúvida alguma hierárquico e binário, e a segunda a visão dos poetas, mas também a visão de Derrida, que propõe trazer o animal para dentro das considerações éticas e políticas.

Passando pela leitura de Descartes, Kant, Heidegger, Lacan e Lévinas, o que Derrida destacou no problema de nenhum deles se verem sendo vistos pelo animal é que essa foi uma imensa denegação, "*cuja lógica atravessa toda a história da humanidade.*" (DERRIDA, 2002, p.33), isto é, foi negado aos animais o olhar que fala, a eles foi negada a linguagem, "*Ou mais precisamente, de resposta, de uma resposta a distinguir precisa e rigorosamente da reação: do direito e do poder de responder.*" (DERRIDA, 2002, p.62). Na ausência da capacidade de responder, dentre outras coisas que seriam o próprio do homem, foi estabelecida a fronteira, uma única fronteira entre o homem e o animal. E essa fronteira é motivo de preocupação para Derrida:

Se me preocupo com uma fronteira entre dois espaços homogêneos, de um lado o homem e do outro o animal, não é por pretender, burramente, que não existe limite entre os "animais" e o "homem", é porque sustento que existe mais de um limite: muitos limites. Não existe uma oposição entre o homem e o não homem, há entre as estruturas de organização do vivo muitas fraturas, heterogeneidades, estruturas diferenciais. (DERRIDA, 2004, p.85)

Para dar visibilidade a ausência de um único limite, ou a esses muitos limites, é portanto, necessário começar pelo questionamento desse singular genérico, o animal. Afinal,

Mas apesar, através e para além de todas as suas dissensões, os filósofos sempre, todos os filósofos, julgaram que esse limite era um e indivisível; e que do outro lado desse limite havia um imenso grupo, um só conjunto fundamentalmente homogêneo que se tinha o direito, o direito teórico ou filosófico, de distinguir ou de opor, ou seja aquele do Animal em geral, do animal no singular genérico. Todo o reino animal com exceção do homem. (DERRIDA, 2002, p.28).

Em vista disso, Derrida (2002) propõe o termo "*animot*" para substituir o termo animal, buscando evidenciar a multiplicidade de seres animais e a complicação da tradicional distinção humano-animal. No texto citado, o gato, ao qual Derrida se refere, é uma certa gata, sua gata, e ele faz questão de acentuar isso: "*A gata que me olha nu, essa e nenhuma outra, esta da qual eu falo aqui...*" (DERRIDA, 2002, p.21), destacando, assim, a individualidade daquela gata – "*uma existência rebelde a todo conceito*" (DERRIDA, 2002, p.26). Não se trata de negar "*diferenças irreduzíveis*" ou "*fronteiras intransponíveis entre tantas espécies de seres vivos*", mas o que Derrida destaca e questiona é a existência

de "*apenas uma única fronteira, una e indivisível, entre o homem e o animal*" (DERRIDA, 2004, p.85).

A existência dessa única fronteira, desse corte radical, dessa oposição homem-animal é frequentemente utilizada para justificar a violência humana contra os animais, mas também usada para justificar a violência humana contra aqueles considerados como se fossem animais. Um apelo à animalidade das vítimas é observado em várias formas de opressão e discriminação. Para Oliver (2010), esse foi e tem sido o caso das mulheres, as quais tradicionalmente foram consideradas mais próximas da natureza e dos animais, especialmente em suas funções reprodutivas, incluindo a criação da prole.

A identificação entre grupos de pessoas oprimidas e animais não pode ser visto como um mero acidente na história, mas sim como uma questão fundamentalmente ligada aos conceitos ocidentais de homem, humano e animal (OLIVER, 2010). O assujeitamento do outro animal e o assujeitamento do outro humano se assentam em bases comuns. Nesse sentido, rever o conceito de animalidade, não diz respeito somente a ética animal, mas a ética com qualquer e todo outro. Por isso Derrida afirma: "*Na escala dos séculos vindouros, acredito em verdadeiras mutações em nossa experiência de animalidade e em nosso laço social com outros animais*" (DERRIDA, 2004, p.91) e expressa sua "*simpatia de princípio*" por aqueles que se manifestam contra a forma como os animais são atualmente tratados, embora acredite que o discurso em defesa dos animais é "*mal articulado ou filosoficamente inconsequente*" (DERRIDA, 2004, p.83). Portanto, nos interessa questionar, qual seria a posição de Derrida em relação ao discurso da Ética animal?

3. Derrida e o Discurso da Ética Animal

Os filósofos que tratam da ética animal criticam o pensamento cartesiano sobre os animais e a visão antropocêntrica dominante no pensamento filosófico e, nesse aspecto, pode-se falar em convergência com o pensamento de Derrida. Porém, a principal característica do discurso da ética animal tem sido apontar as similaridades entre homens e animais e, portanto, destacar o valor das características partilhadas com os humanos para justificar

uma abordagem ética. Peter Singer (1977) e Tom Regan (1983) representam duas importantes correntes em ética animal, as quais defendem, respectivamente, o bem-estar dos animais e os direitos dos animais. Ambos, assim como outros defensores dos animais, buscam incluir os animais na esfera da moralidade, especialmente por serem "seres sencientes" ou "sujeitos de uma vida", aproximando-os do homem, especialmente com base nas suas capacidades mentais. Usualmente são invocados estudos científicos que demonstram a presença de diversas capacidades nos animais, anteriormente negadas, tais como: capacidade de confeccionar ferramentas, presença de cultura, sorriso, reconhecimento no espelho, etc. Nesse sentido, destaca-se o "Grande Projeto dos Antropóides" – (GAP, 1993), o qual visa incluir os antropóides não humanos (chimpanzés, gorilas e orangotangos) na comunidade de "pessoas", isto é, eles deixam de ser considerados "propriedade". Isso garantiria direitos morais básicos a esses seres, tal como direito a vida, a liberdade e a não tortura (GAP, 1993).

A idéia do Grande Projeto dos Antropóides parte do princípio de que esses animais, os antropóides, têm capacidades mentais e uma vida emocional suficiente para justificar que tenham proteção moral e legal, através da sua inclusão na comunidade dos iguais. No entanto, uma possível consequência prática disso é apenas conceder privilégio a apenas mais alguns seres, e não, de fato, modificar o tratamento destinado aos animais, tal como alguns críticos destacam. Isso exemplifica porque para Derrida o discurso dos direitos dos animais é problemático e porque não se pode questionar o tratamento dos animais sem questionar o problema da distinção humano-animal, isto é, é necessário abordar a inexistência de "*O Homem versus O Animal*" (DERRIDA, 2004, p. 82). Para Derrida, estender direitos equivalentes aos direitos dos homens a um grupo de animais significa guardar a herança cartesiana, já que o conceito moderno de direito está atrelado ao cogito cartesiano. Segundo Derrida (2004, p. 84):

Com isso, conferir ou reconhecer direitos aos animais é uma maneira sub-reptícia ou implícita de confirmar uma certa interpretação do sujeito humano, que terá sido a própria alavanca da pior violência com respeito a seres vivos não humanos.

Ainda segundo Derrida

...ao que se apresenta de maneira tão problemática ainda como os direitos do animal para nos acordar para nossas responsabilidades e nossas obrigações em relação ao vivente ao geral, e precisamente a essa compaixão fundamental que, se fosse tomada a sério, deveria mudar até os alicerces da problemática filosófica animal (DERRIDA, 2002, p.53).

Essa afirmação do filósofo parte da constatação de uma tensão crescente nos dois últimos séculos, entre um aumento da violência para com os animais e o aumento dos esforços ético-políticos para limitar o sofrimento animal. Declaradamente, o filósofo simpatiza com os movimentos que se revoltam contra as práticas que causam sofrimento aos animais. Por outro lado, considera *"um erro ou uma fraqueza, de reproduzir e estender aos animais um conceito do jurídico, que era aquele dos direitos dos homens"* (DERRIDA, 2004, p.83).

Para Derrida, a ética animal não pode se basear apenas em uma questão de consistência teórica e racionalidade. Segundo Derrida, os animais têm a capacidade de interromper uma existência e inaugurar um encontro ético-político (CALARCO, 2008). Daí, a importância da compaixão fundamental. Para abordar essa questão, o filósofo, resgata o pensamento de Bentham e sua célebre frase: *"A questão não é; Eles podem falar? Eles podem raciocinar? Mas sim eles podem sofrer?"* Porém, ao tratar da questão de Bentham, não se trata de responder o que os animais podem, quais são os seus poderes, suas capacidades, seus atributos. *"A questão prévia e decisiva seria a de saber se os animais podem sofrer. Eles podem sofrer?"* mas, eles podem sofrer consiste em perguntar *"eles podem não poder?"* (DERRIDA, 2002, p.55). É nesse não poder que Derrida articula uma passividade, uma impossibilidade, uma vulnerabilidade e, portanto, a possibilidade do encontro ético. A ligação ética fundamental que temos com os não humanos reside em partilharmos com eles nossa finitude, nossa vulnerabilidade e nossa mortalidade. Nas suas palavras:

Aí reside, como a maneira mais radical de pensar a finitude que compartilhamos com os animais, a mortalidade que pertence à finitude propriamente dita da vida, à experiência da compaixão, à possibilidade de compartilhar a possibilidade desse não poder, a possibilidade dessa impossibilidade, a angústia dessa vulnerabilidade e a vulnerabilidade dessa angústia (DERRIDA, 2002, p.55).

Nesse ponto, Derrida distancia-se da abordagem de Peter Singer que também tomando como ponto de partida Bentham, responde a questão "Eles podem sofrer?", a

partir de buscar demonstrar as capacidades dos animais. Para Peter Singer, há que se levar em conta no processo todo o sofrimento animal envolvido e todo o benefício humano (SINGER, 1977). Essa perspectiva ainda leva em consideração as diferenças entre as espécies envolvidas, já que o sofrimento causado a um determinado animal pode ser muito maior do que o causado a outro animal de outra espécie. Para filósofos da ética animal, como Peter Singer, é relevante buscar dados científicos que podem informar a questão da consciência animal, a partir de sua similaridade com o modelo humano, e a partir de então, desenvolve-se um argumento para mostrar que o sofrimento animal conta igual ao sofrimento animal.

De forma distinta, Derrida não acredita na possibilidade de se abordar a questão do peso do sofrimento animal de forma quantitativa. Seu ponto de partida parece ser antes a ética levinasiana, face a face com o outro, onde a condição de possibilidade desse encontro é a finitude partilhada entre seres humanos e animais. Nesse sentido também não se alinha com a filosofia dos direitos animais de Tom Regan, porque na sua visão conceder direitos para um grupo de animais é reproduzir a lógica de exclusão estabelecida desde Descartes. O problema com o discurso dos direitos animais é que ele baseia-se em um modelo de justiça, no qual um ser tem ou não direitos com base em ter ou não uma característica moralmente relevante que possa ser empiricamente derivada.

Para o discurso da ética animal o que está envolvido no pensamento moral é o conhecimento de similaridades e diferenças e a capacidade de testar e aplicar princípios gerais de avaliação. O problema dessa abordagem é que está sempre presente a questão de uma hierarquização, tal como se vê no conceito de pessoa de Peter Singer (1977) e no conceito de Sujeitos de uma vida de Tom Regan (1983), o qual inicialmente só incluiu mamíferos. Para Derrida, qualquer radicalmente Outro é qualquer radicalmente Outro. Não há possibilidade de conhecer o Outro que me olha, "*O animal nos olha, e estamos nus diante dele*" (DERRIDA, 2002, p.57). Cumpre lembrar que para Derrida:

O direito não é a justiça. O direito é o elemento do cálculo, é justo que haja um direito, mas a justiça é incalculável, ela exige que se calcule o incalculável; e as experiências aporéticas são experiências tão improváveis quanto necessárias da justiça, isto é, momentos em que a decisão entre o justo e o injusto nunca é garantida por uma regra (DERRIDA, 2010, p.30).

A possibilidade de justiça em relação aos animais, da mesma forma que em relação aos homens, demanda um afastamento do modelo cartesiano da filosofia tradicional, que confirma a categoria de sujeito. Nesse sentido, os discursos sobre direitos devem ser vistos enquanto "*produto de uma história e de performativos complexos*" (DERRIDA, 2004, p.84).

Derrida (2002) ao destacar a singularidade da sua gata quer contestar exatamente essa possibilidade de reduzir um animal, um outro, absolutamente outro ao objeto do conhecimento, a ordem do cálculo. E nesse caso, a ética é: não derivada de regras para conduta que se aplicam genericamente em todos os casos, mas muito mais o confronto da nossa exposição a uma permanente condição na qual não há meios de se estabelecer nossa atitude. Para Derrida a questão é que o outro pode me olhar e esse olhar me chama a responder, diferente do que pensou a tradição, "*tradição que não foi homogênea, decerto, mas hegemônica, e assumiu aliás o discurso da hegemonia, do domínio mesmo*" (DERRIDA, 2004, p.82).

E ainda nas palavras dele: "*Pois o pensamento do animal, se pensamento houver, cabe á poesia, eis aí uma tese, e é disso que a filosofia, por essência, teve de se privar. É a diferença entre um saber filosófico e um pensamento poético.*" (DERRIDA, 2002, p.22). Eis porque "O animal que logo sou" é um texto poético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, John. **Sobre o olhar**. Tradução Lya luft. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2003.

BERNARDO, Fernanda. "Pontos de não-contacto entre "Lévinas e Derrida". Seminário «Lévinas et Derrida» do Programa de Seminários 2007-2008 do Collège International de Philosophie e da Sorbonne IV/Paris, com o título Emmanuel Lévinas et la Philosophie Française Contemporaine, 2007. Disponível em: <http://www.revistaitaca.org/versoes/vers14-09/238-266.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2012.

CALARCO, Matthew. **Zoographies. The Question of the Animal from Heidegger to Derrida**. New York: Columbia University Press, 2008.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. Tradução Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DERRIDA, Jacques, ROUDINESCO, Elisabeth. Violências contra os Animais. In: DERRIDA, Jacques, ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã...Diálogos**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. Cap.5, p.80-96.

DERRIDA, Jacques. **El Animal que Luego Estoy Si(gui)endo**. Madrid: Editorial Trotta. 2008.

DERRIDA, Jacques. **Força de Lei**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GAP (GREAT APE PROJECT). A Declaration on Great Apes. In: CAVALIERI, Paola, SINGER, Peter (eds.) **The Great Ape Project**, New York: St. Martin's Griffin. 1993, p. 4 - 7.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: edições 70, 2.000.

OLIVER, Kelly. Animal ethics: Toward an Ethics of Responsiveness. **Research in Phenomenology**, v.40, p. 267-280, 2010.

REGAN, Tom. **The Case for Animal rights**. Los Angeles: University of California Press, 1983.

SINGER, Peter. **Animal Liberation. Towards an end to man's inhumanity to animals**. Granada Publishing, 1977.

SINGER, Peter. Animal Liberation or Animal Rights. **The Monist**, v. 70, p. 3-14, 1987.

VAN CAMP, Nathan. Negotiating the Antropological Limit: Derrida, Stiegler and the Question of the "Animal". **Between the Species**, v.14, n.1, p. 57-80, 2011.

WOOD, David. Thinking with Cats. In: ATTERTON, Peter, CALARCO, Matthew (Org.) **Animal Philosophy**. London: Continuum, 2008, Cap.7 , p.129-144.